

A maiêutica histórica no processo da revelação: uma abordagem a partir da reflexão de Andrés Torres Queiruga*

Historical mayutics in the process of revelation: an approach from the reflection of Andrés Torres Queiruga

Otávio Ari Aparecido Marques Lemes **

Resumo

Deus, em sua infinita bondade e sabedoria, revela-se a si mesmo, querendo dar-se a conhecer a todos os homens e mulheres. Visto que nos cria por amor, também se revela por amor. Mas nem sempre esta revelação atinge o objetivo desejado, pois esbarra nos limites humanos, que criam muros à revelação divina. O teólogo galego, Andrés Torres Queiruga trabalha a revelação com o conceito de maiêutica histórica. Ele recupera o método socrático de dar à luz às ideias, e o transfere para a teologia. Segundo Queiruga, Deus já está na realidade criada, o famoso ser-de-Deus-no-mundo. A missão é fazer a comunidade perceber este Deus, ou seja, parturiar o sagrado que necessita de um mediador externo para vir à luz. Foi assim com o povo de Israel que através de Moisés, pôde descobrir o Deus libertador, que já estava com eles, no momento de aflição, e opressão trabalhando para libertá-los. Através da palavra de Moisés, eles descobrem que Iahweh já estava ali, mas, sem a instigação do mediador, esta presença permaneceria oculta. Visto que o homem é um ser histórico, a revelação de

* Artigo recebido em 13/09/2019 e aprovado para publicação em 26/11/2019.

** Bacharel em Filosofia pela Faculdade Católica de Pouso Alegre – FACAPA. Bacharelado em Teologia pela mesma Instituição de Ensino.

Deus acontece na história e atinge a sua plenitude em Jesus Cristo que, como plenitude revelatória, se encarna na história humana. Embora esta revelação já tenha atingido sua plenitude, ela é dinâmica, performativa, e impulsional.

Palavras-chave: Maiêutica; Revelação; História; Jesus Cristo.

Abstract

God, in His infinite goodness and wisdom, reveals Himself, willing to make Himself known to all men and women. Since He creates us for love, He also reveals Himself for love. But this revelation does not always achieve the desired goal, for it bumps into human boundaries, which create walls for divine revelation. The Galician theologian Andrés Torres Queiruga works the revelation with the concept of historical maieutic. He recovers the Socratic method of giving birth to ideas, and transfers it to theology. According to Queiruga, God is already in created reality, the famous God-being in the world. The mission is to make the community realize this God, that is, to parturite the sacred that needs an external mediator to come to light. It was thus with the people of Israel that through Moses they were able to discover the liberating God, who was already with them at the time of affliction, and oppression working to set them free. Through the word of Moses, they discover that Yahweh was already there, but without the mediator's instigation this presence would remain hidden. Since man is a historical being, the revelation of God happens in history and reaches its fullness in Jesus Christ who, as revelatory fullness, is embodied in human history. Although this revelation has already reached its fullness, it is dynamic, performative, and impulsive.

Keywords: Maieutics; Revelation; History; Jesus Christ.

Introdução

A revelação é o tema chave de toda a compreensão teológica. Deus, que cria o ser humano por amor, também se revela por amor. Desejando firmar com o homem uma parceria em que ambos caminhem juntos. A constituição dogmática: Dei Verbum, sobre a revelação divina, no número 2, apresenta o motivo pelo qual o Totalmente Outro quis se revelar aos seus: "Aprova Deus, em sua bondade e sabedoria, revelar-se a si mesmo e dar a conhecer o mistério de sua vontade (cf. Ef 1,9), mediante o qual

os homens, por meio de Cristo, Verbo encarnado, tem acesso, no Espírito Santo, ao Pai e se tornam participantes da natureza divina”. O concílio acentua bem o motivo desta revelação: Bondade e Sabedoria. Uma sabedoria resultante na entrega total de Deus que quer ser visto como pai, como impulsionador, aquele que quer ser reconhecido como o amigo que tem para com gênero humano pensamentos de bem e não de males (cf, Jr 29,13). A revelação deixa de ser concebida como um ditame de regras, pois o Criador revela a si próprio e essa revelação divina não se dá em um espaço além, mas acontece na história de um povo.

Andrés Torres Queiruga, um teólogo nascido na Galiza, apresenta a revelação sob o conceito de Maiêutica histórica. Ele resgata da filosofia Sócrática a prática da maiêutica e a transpõe para a teologia. O presente artigo debruça sobre este conceito e apresenta, a partir do pensamento Queiruguiano, a compreensão da revelação na história humana, como Deus deseja ser percebido, até chegar na plenitude da revelação: Jesus de Nazaré. A maiêutica histórica é a chave para tal compreensão, pois é no âmago da história humana que se descobre a ação de Deus.

1. Revelação: Captação e Verbalização

1.1 Deus se revela no diálogo

A maior novidade da revelação bíblica é que Deus se revela no diálogo (Cf Verbum Domini, nº 6). A Revelação é um sair de si de Deus em relação ao homem. Através de sua Palavra, Deus se dirige ao ser humano. Vale lembrar que a revelação não é favoritismo, o Criador não escolhe um povo em detrimento dos demais. Isso seria muito mesquinho para um Deus que afirmamos ser o próprio amor. Em sua infinita bondade, este Deus quer falar a todos. O problema é que esta revelação divina acaba se esbarrando nos limites humanos, impedindo o receptor de captar a voz de Deus que constantemente lhe fala. Segundo Queiruga:

“Deus, voltado com todo o seu amor sobre a humanidade, luta contra nossa ignorância e nossa pequenez, contra nossos instintos e resistência, contra nossos mau-entendidos e perversões para ir abrindo-nos seu coração e iluminar para nós seu rosto, para manifestar-nos a profundidade de nosso ser e a esperança de nosso destino” (Queiruga, 2001, p. 34).

Deus nunca falha em sua direção à humanidade, é a humanidade que, por causa da sua condição finita, tem dificuldade de captar esta voz amorosa. Conforme a afirmação de Queiruga, citada acima, o Criador sempre luta contra nossas limitações para dar-se a nós, pois é seu desejo

revelar-se a todos os homens e mulheres, os quais Ele criou somente por amor. Houve, porém, um povo, na história, que foi capaz de captar esta revelação, que foi capaz de sentir essa presença do transcendente e fazer uma experiência tal que seria o divisor de águas, na sua história. Israel, o povo que foi escravo no Egito, com a ajuda de Moisés, pôde fazer a experiência do Deus libertador e reconhecer, na palavra anunciada, a sua própria história e descobrir Aquele que se dirige ao povo não com um poder violento, mas com uma capacidade incrível de diálogo e respeito pelas suas criaturas, visando sua liberdade, como bem expressa Latourelle (cf, Latourelle, 2001, p. 25). O povo israelita, ao fazer tal experiência, descobre outra compreensão de palavra. Palavra, para eles, não é uma palavra morta, mas uma palavra dinâmica, criadora, restauradora. Latourelle diz: "A palavra não é, pois, a simples expressão de idéias abstratas; está carregada de sentido, tem um conteúdo noético, que vem da concentração do coração sobre um objeto, ou do pensamento que dele se apossam" (Latourelle, 2001, p. 25). A Palavra Tem dupla função, é noética, expressa o que está sobre o coração, e é *Dabar* palavra criadora. E isto é elencado em toda sagrada escritura, principalmente no salmo 119 (118) que é o mais longo da bíblia, onde o orante faz um florilégio da Palavra sagrada. Foi através dessa palavra que o povo de Israel fez experiência de Deus, e chega com ela o momento em que a revelação captada e experimentada é colocada por escrito. Acontece então o que Queiruga chama de verbalização da revelação. "A tradução da revelação pela categoria de *palavra* refere-se a uma necessidade estrutural, que acabaria por impor-se de alguma maneira" (Queiruga, 1995, p. 29). O dizer de Deus vai avançando na história do povo à medida que o povo vai tendo a experiência e a sensibilidade de ouvir a sua voz. E, através disso, pode-se ver às etapas da história da revelação¹.

A Palavra de Deus é transmitida por palavras humanas, Ele entra na história através de redatores, arautos de suas consolações e orientações, mas homens de carne e osso, sujeitos a limitações.. Diz a Dei Verbum: "Havemos de crer que os livros da Escritura ensinam com certeza, fielmente e sem erro, a verdade relativa à nossa salvação, que Deus quis fosse consignada na sagradas letras" (Dv 11). Naquilo que diz respeito à nossa salvação, a Escritura não erra e nem pode errar, pois o inspirador de tal escrita é imune aos erros. Mas ela também é filha de seu tempo, por isso não está livre de falhas humanas. Porém, se não fosse a escrita não teríamos acesso a esta revelação. Se Deus escolheu um povo de escrita é porque queria que sua revelação atingisse os demais. Toda história que não

¹ Continua ainda hesitante aos pesquisadores a fase mais antiga da revelação. O Gênesis narra de uma forma antropomórfica a aparição de Iahweh a Abrão (cf. Gn 17, 1). O povo de Israel foi tendo contato com outros povos, e assimilou deles algumas práticas, como por exemplo, o uso de objetos para penetrar os segredos. Deus se revela em sonhos, consulta-se a divindade antes de uma batalha. Mas o momento decisivo da história da revelação é a aliança do Sinai, ali onde Deus entrega ao povo de origem abraâmica o decálogo, exigindo obediência e culto. Outro ponto dentro da etapa da revelação é o profetismo, onde homens falam da parte de Iahweh, um novo ciclo dentro da verbalização da revelação. (Cf, Latourelle, 1981, p. 15ss).

teve o seu escrito não resistiu e se perdeu na poeira do tempo. O mesmo aconteceria com a revelação bíblica se tivesse ficado somente na oralidade.

1.2 Palavra de Deus e realização humana

Deus, ao tomar a iniciativa de entrar em diálogo com o ser humano, não tem outra coisa em vista do que a realização humana. A grande descoberta é que o Deus revelado não permanece do lado do poder opressor, mas visa libertar o homem de suas mazelas, e opressões. Conforme Queiruga: "À medida que Deus sai imediatamente ao encontro da liberdade humana, está iluminando e capacitando o homem para que oriente na justa direção o processo do mundo, e assim alcance ele mesmo a própria realização" (Queiruga, 1995, p. 205). Não existe uma contraposição entre palavra revelada e liberdade humana. Ao recordarmos a libertação do povo do Egito, temos a prova de que o Criador deseja a liberdade de suas criaturas e não o contrário, e que está ansioso para que o coração humano o perceba agindo no mundo. De uma forma poética, pode-se aplicar aqui os belos versos do livro dos cânticos:

"Ei-lo postando-se
atrás de nossas paredes,
espiando pelas grades
espreitando na janela" (Ct 2,9)

Estes belos versos podem expressar, de uma forma metafórica, o desejo de Deus em relação aos homens e mulheres. Por que Ele está assim? Porque Ele quer que sua criatura o reconheça. A partir da história de Israel, Deus quer chegar a todos. E só se descobre sua presença divina na história profana que de modo algum prescinda da História Sagrada. Aliás, seria um equívoco tal pensamento, pois o Criador não teme conviver na história de suas criaturas. Foi com seres históricos que o Senhor constituiu o seu processo revelador. A revelação não cai como um meteorito do céu ferindo a liberdade humana, mas é no âmago de acontecimentos humanos que a recebemos. Libânio expressa em belíssimas palavras, que merece ser citada por extenso

A revelação nasce do ato livre e gratuito de Deus que quer comunicar-se a si e seu plano salvífico ao homem situado na história. A história é construção do homem que vai traçando seu destino, como a revelação de Deus se faz a um homem na história, ela se vincula à história. Como o pensar humano histórico não pode, saiba ou não, desvincular-se totalmente de sua condição de ser parceiro da revelação divina, esta terá sempre algo a dizer-lhe. A revelação impulsiona a compreensão da história, a própria ação

histórica do homem. As concepções de história, a própria ação histórica do homem. As concepções de história permitem diferentes concepções de revelação. (Libanio, 2014, p. 287).

Segundo Queiruga, ao entrar na vida do povo, Deus nada mais quer que a felicidade e a realização deles. Portanto tudo o que promove a humanidade é divino. Nos relatos da criação, a palavra que coroa toda obra é: “e viu Deus tudo que tinha feito, e viu que era muito bom” (Gn 1,31). E bem descrito está no salmo 8, onde o salmista afirma o antropocentrismo da criação divina referindo-se ao ser humano, diz o salmista: “e o fizeste pouco menos que um Deus, coroando-o de glória e de beleza. Para que domine a obra de suas mãos...” (Sl 8, 6-7). Tendo por base estes textos bíblicos, podemos afirmar que todo discurso religioso que não promove a dignidade humana e sua realização não provém do Deus bíblico, totalmente revelado em Jesus de Nazaré. Conforme Queiruga: “Deus é na verdade o grande companheiro que ilumina o assombro de existir e alimenta a confiança mais radical na aventura da vida” (Queiruga, 1999, p. 115).

Principalmente com os mestres da suspeita: Marx, que via na religião o ópio do povo; Freud, que apontava uma infantilidade, onde era necessário um Deus pai, e Nietzsche, em seu apaixonado protesto contra Deus, a favor do surgimento do além-homem, criou a ideia, na modernidade, que Deus é o grande inimigo do homem, que a crença na transcendência era empecilho para os avanços da humanidade. Em certo sentido, às críticas foram positivas, ao lançarem luz para um certo repensar da mensagem que estava sendo pregada até então, visto que, às vezes se fazia uma caricatura de Deus que não correspondia ao Deus revelado. Nietzsche em sua obra *Assim Falava Zaratustra*, no aforismo intitulado: às ilhas bem aventuradas, afirma que o homem só atinge sua meta, no caso, se torna além-homem ao desfazer-se da ideia de Deus que é uma objeção à existência.² A crítica de Nietzsche ao cristianismo não se fundamenta quando se descobre que no âmago da revelação de Deus está a realização do homem. A exortação pós-sinodal *Verbum Domini*, tem, em voga, esta concepção.

Na realidade, toda economia da salvação mostra-nos que Deus intervém na história a favor do homem e da sua salvação integral. Por conseguinte é decisivo, do ponto de vista pastoral, apresentar a Palavra de Deus na sua capacidade de dialogar com os problemas que o homem deve enfrentar na vida diária (*Verbum Domini*, 23)

Quanto mais o homem se aproxima do seu Criador, mais pleno fica. Por isso, a necessidade de acabar com os fantasmas que não correspondem ao verdadeiro Transcendente. Mas para isso, é necessário que a presença

² “Outrora, quando se olhava os mares longínquos dizia-se: “Deus”, mas agora eu vos ensino a dizer além-homem. Deus é uma conjectura; mas eu não quero que vossa conjectura não vá mais longe que vossa vontade criadora” (Nietzsche, 2011, p. 96)

de Deus seja captada, assim como o povo de Israel a captou. Esta revelação é dinâmica, continua na história e ao homem deve-se indicar a fonte, fazendo com que se perceba o Deus que já está no mundo sempre atuante.

2. A maiêutica histórica como processo de captação da revelação

2.2 História: cenário da revelação de Deus

A história humana, como já foi afirmado, constitui o lugar onde Deus se revela e dialoga com o povo. Revelação, conforme Queiruga consiste quando “se toma consciência da presença do Divino no indivíduo, na sociedade e no mundo” (Queiruga, 1995, p. 100). Dada a situação da criatura, é dentro do espaço e tempo que ocorre o processo da revelação, não como um espetáculo caído do céu, mas com e através de seres humanos. Deus, ao falar, não usa palavras desconhecidas, mas se familiariza com o dialeto da humanidade, visto seu desejo é atingir os corações humanos e assim ser reconhecido, Ele se utiliza de uma linguagem própria do homem, até dizer sua palavra definitiva como homem dentro de um tempo, de uma geografia e de uma cultura, isto é: Jesus de Nazaré.

Por isso, a revelação tem sua raiz humana, visto que Deus se revela a homens presentes na história. É necessário que a revelação passe por ditames históricos e isto acontece tendo dois paradigmas: Deus que se revela por amor e o homem que tem a liberdade de corresponder ou não a este amor. Libânio compara o processo revelador ao encontro de duas pessoas, deve haver disposição de ambos os lados.³ Sempre há essa iniciativa por parte de Deus, visto ser ele o sujeito ativo da revelação. Ao homem cabe a iniciativa de acolher o revelado. Assim como o encontro com quem se ama é processo de libertação, o encontro com o Totalmente Outro, que se revela, também é libertador. Schillebeeckx afirma: “Só numa história humana, na qual homens são libertados para verdadeira humanidade, é que Deus pode revelar o seu ser” (Schillebeeckx, 1994, p. 24). E, ao revelar-se acontece a libertação do homem com bem expressa Libânio:

Os encontros humanos são libertadores. Arrancam as pessoas do egoísmo, fechamento em si, incapacidade de amar. A revelação cristã salienta precisamente este aspecto libertador. Deus se manifesta ao homem para libertá-lo das escravidões que o sujeitam. A palavra de Deus provoca uma resposta da parte do homem, que consiste em sair de si para Deus e para o irmão. Neste movimento consiste a salvação. A salvação acontece no mesmo processo de libertação. E o processo de libertação é salvífico (Libânio, 1992, 241).

³ A exposição completa se encontra na obra: Teologia da Revelação a partir da Modernidade. Pp 231 ss.

O homem bíblico é um homem histórico. Foi um ser histórico que fez experiência do revelado. Dessa maneira, diferente de uma religião cósmica, a criação não esgota a revelação de Deus, visto que o receptor desta revelação está situado em um espaço e tempo. Portanto, “a revelação que se dirige ao homem deve respeitar-lhe esta estrutura de existência. Tem de ser histórica. Faz-se através de eventos, onde a historicidade do homem se concretiza acontece” (Libanio, 2014, p. 290). A revelação divina não cai pronta e acabada do céu, ela está na história. O indivíduo deve, com a ajuda de um outro, perceber esta presença. Corre-se o risco de dois extremos: primeiro, uma revelação vinda totalmente de fora, invadindo o ambiente humano e, segundo, uma revelação que não passa de um sentimento humano projetado. Queiruga repensa a revelação cristã e, para isso elabora o conceito de maiêutica histórica, que lança luzes a problemática de transcendência e imanência ou, em outras palavras: intrinsecismo e extrinsecismo.

2.2.2 – Intrinsecismo e extrinsecismo

A discussão sobre o assunto começa na modernidade e ganha força quando os teólogos modernistas apresentam uma visão da revelação totalmente imanente e intrinsecista. Segundo Latourelle, “chegaram praticamente a negar a sua transcendência para fazer dela uma realidade puramente imanente e humana” (Latourelle, 1981, p. 314). Teólogos como Schleiermacher (Pai do protestantismo liberal), Loysi e Tyrrel, são os expoentes de tal linha teológica. Embora possam diferir no método, desembocam sempre na mesma conclusão. A crítica religiosa havia tido grande destaque em Kant, que reduziu a religião a uma simples prática da razão, nada de sobrenatural, apenas o racional e o que norteia é o “tu deves” do imperativo categórico. Dessa maneira, Kant transforma em filosofia moral os dados e expressões do evangelho (Cf, Latourelle, 1981, p. 316). O concílio Vaticano I combateu ferrenhamente o racionalismo, que andava às avessas do sola fide de Lutero, que foi rebatido na Contra-Reforma. Se somente a fé salva, agora somente a razão dita as regras, não deixando espaço para uma possível transcendência.

Contra Kant, Schleiermacher, restabeleceu na religião, o valor do sentimento e da experiência. Defendeu que a religião não é um monopólio de um pequeno grupo (de uma elite social) mas sim patrimônio de todos os povos. Kant transforma a religião em simples ato de moralidade, Schleiermacher revalorizou, contra as oposições de Kant, a oração e o sentimento. Porém, negou a transcendência da revelação pois, segundo ele, a revelação é um fruto subjetivo do conceito Deus, que brota do sentimento de dependência ou sentimento religioso (Cf, Latourelle, 1981, p. 316). Dessa forma, exclui-se qualquer abertura para o Totalmente Outro e a revelação se rebaixa ao intrínseco do homem.

Outro expoente do pensamento modernista é Alfred Loysi, cujo objetivo de seus escritos era fazer uma grande reforma essencial na exegese bíblica, de toda a teologia e até mesmo do catolicismo em geral (Latourelle, 1981, p. 323). No pensamento de Loysi havia um relativismo reinante, onde a verdade evoluía à medida que o homem também evoluía, mas sem perder o seu valor. Assim, o dogma não era algo fechado em si mesmo, mas uma realidade dinâmica. Loysi defende que a revelação não é algo fechado, como ditames de dogmas, instituição, ou algo vindo do alto. A revelação é a consciência que o homem tem de sua relação com Deus. Em uma pergunta, o que seria a revelação para Loysi? Segundo Latourelle seriam ideias que surgiram na humanidade e que descrevem as relações com Deus. E o objeto dessa revelação seriam as verdades simples contidas nas asserções da fé (Latourelle 1981, p. 325). Dessa forma, Loysi compromete não só a revelação objetiva, mas também a questão dogmática. Em suma, para esse teólogo, a revelação não está confinada em um emaranhado de doutrinas e evolui sempre.

Tyrrel também ataca uma concepção extrínsecista da revelação. Para ele, é inconcebível uma revelação vir das nuvens. Ela deve acontecer dentro de cada um, pegar a experiência dos profetas e transformar a própria experiência. Só assim, faz sentido o processo revelador e, como Loysi defende, a evolução dos dogmas e afirma que a revelação também evolui sempre⁴.

A Igreja Católica se opôs fortemente contra o Modernismo, Pio X, através da encíclica *Pascendi Domini Gregis*, condenou ferrenhamente o movimento modernista e o definiu como síntese de todas as heresias (Denziger, 2105). O grande problema, como pode ser notado, é a supervalorização da raiz humana e o esquecimento do transcendente. E a isto Andrés Torres Queiruga pretende dar uma solução ao elaborar o conceito de maiêutica histórica. “Na revelação, o homem se sente, certamente, levado ao mais profundo de si mesmo. Porém, com igual direito, pode-se afirmar que se sente também levado para além de si mesmo, elevado acima de suas possibilidades” (Queiruga, 1985, p. 105). Assim pode-se dizer que intrínsecismo não exclui extrínsecismo, e extrínsecismo não exclui o intrínsecismo, Querer supervalorizar um, em detrimento do outro, é pecar contra o processo da revelação divina, pois “há real e efetiva ação de Deus. Há verdadeira e livre acolhida do homem” (Libanio, 2014, p. 307)

2.3 Maiêutica histórica: o processo dialético da revelação

Queiruga trabalha o processo da revelação a partir da categoria socrática de maiêutica, isto é, a arte de dar a luz. O termo se encontra na

⁴ Todos os dados sobre o modernismo com mais afinco se encontra na obra de Latourelle intitulada “Teologia da Revelação” p. 314 ss.

obra *Teeteto*, onde Sócrates afirma desenvolver o mesmo papel de sua mãe: parteira (cf, Queiruga, 1985, p. 113). Sócrates tinha a função de fazer vir à tona o conhecimento a partir de perguntas, que traziam para fora o conhecimento inato do indivíduo. Dessa forma, o homem não aprende o novo, apenas traz para fora aquilo que já está nele. Pode se dizer que a verdade, nos passos da maiêutica socrática, não é extrínseca, mas intrínseca. O maiêuta não ensina algo novo, apenas aponta o caminho para atingir o conhecimento, sendo assim, uma conquista subjetiva.

Queiruga resgata da filosofia socrática, a categoria de maiêutica, e a transfere para a teologia. A revelação de Deus é dialética, é algo que vem do céu e ao mesmo tempo está na realidade humana. O povo capta a revelação divina a partir de sua realidade. Sendo assim, o papel do profeta não é levar o sagrado, mas fazer com que o povo descubra Deus que já está atuando na história, lutando para ser percebido. Temos aqui dois lados de uma mesma moeda: uma experiência subjetiva onde o profeta se encontra com o transcendente, e uma experiência objetiva, pela qual o profeta vai agora fazer com que o povo perceba a presença divina em seu meio. Foi isso que Moisés fez. Ele foi maiêuta, parturiou o sagrado na vida daquele povo. Teve sua experiência com o transcendente: "Iahweh lhe disse: Eu vi a miséria do meu povo que está no Egito. Ouvi seus gritos de angústia por causa dos opressores por isso desci a fim libertá-lo" (Ex 3,7-8). A partir disso, Moisés faz o povo tomar consciência dessa presença libertadora entre eles, e assim começa a história da libertação do povo do Egito. A revelação é ampla, e não acontece em lugares inatingíveis, mas na própria realidade do povo.

Nesta perspectiva, a palavra bíblica é entendida, não como palavra que aporta um sentido acrescentado, que informa sobre mistérios longínquos, mas antes, uma palavra que ajuda a dar à luz a realidade mais íntima e profunda que se é pela livre iniciativa do amor que cria e salva. (Libanio, 2014, p. 303).

Diante da exposição, pode-se fazer o seguinte questionamento: dizer que Deus já está na história, e que o papel do profeta é apenas fazer com que o povo perceba essa presença, não corre o risco de cair em um imanentismo e comprometer o transcendente? A resposta é negativa. De acordo com Queiruga, a maiêutica histórica supera a maiêutica socrática e, nesse ponto entra à dialética: transcendente e imanente.

Queiruga supera a maiêutica socrática, visto esta ter lugar somente no imanente e nela não haver lugar para novidade pois o conhecimento é inato ao homem e o que este faz é somente dar à luz, por meio de questionamentos, o que já pertence a ele (cf, Queiruga, 1995, P. 114). Na revelação, ao contrário, tudo é novidade, não se manifesta ao homem algo dele mesmo, mais sim o novo que vem por iniciativa divina. É algo que, ao mesmo tempo que arrebatava o indivíduo, devolve-o à própria história.

Não se trata de um desdobrar imanente de sua “essência”, e sim de uma determinação realizada por Deus na história. Daí que sempre experimentada como nova e gratuita. E mais: quando consegue sua intensidade máxima e se vivencia em toda sua eficácia, chega a ser concebida como “novo nascimento”, como inovação radical (Queiruga, 1995, p. 115).

Por isso, o fundamental na maiêutica histórica não é a recordação, provocada por perguntas e sim o anúncio, pois esta não leva o homem para trás, pelo contrário impulsiona-o a ir para frente. A palavra então não é uma mera ocasião no processo, mas a palavra é necessária pois sem a palavra, o papel do mediador não chega a termo (cf, Queiruga, 1995, p. 115). Sócrates acreditava na imortalidade da alma, que a alma, sendo imortal, renascia e morria em diversos corpos, e nessa peregrinação já tinha contemplado várias belezas porém, caíam no esquecimento, e a recordação dessas ideias é que o homem chamava de saber. Vale citar, por completo, um trecho de um artigo que expressa de forma clara o pensamento socrático.

Sócrates, mais uma vez, para solucionar estas novas dificuldades enveredará por um caminho mítico. Explica a Mênon, no diálogo do mesmo nome, que conforme os ensinamentos de diversos sacerdotes, sacerdotisas e poetas, a alma do homem é imortal. Sendo imortais, as almas muitas vezes teriam viajado entre este reino terrestre, e o reino dos mortos, o Hades. Muitas vezes as almas teriam renascido e morrido em diversos corpos. Durante esta infinitude de tempo teriam contemplado já todas as coisas, mesmo as mais belas, e teria sido tudo apreendido. Porém, infelizmente e de maneira irremediável, no decorrer dessas diversas viagens das almas, esse imenso saber sempre desaparece e se perde no esquecimento. Continuando a sua explicação, Sócrates sustenta que a natureza teria uma mesma gênese comum apesar das múltiplas diferenças que posteriormente se desenvolveram. Diante disso, nada impede que os homens tenham, às vezes, alguma recordação mais fundamental; uma recordação desse tipo é que os homens chamam de saber... (Benoit, 2009, p.21)

Sócrates acredita na transmigração das almas que já conquistaram o saber porém o esqueceram. O saber seria então uma *anamnésis*, ou seja, uma recordação. A revelação judaico-cristã rejeita a crença na transmigração. Também o Deus judaico-cristão é um Deus que abre futuro, e não faz uma volta ao passado. A recordação, neste âmbito, é uma luz lançada à realidade nova, não um renascimento do que já se viveu. Por isso, depois de anunciada a novidade, é a vez de o povo que recebeu o anúncio apropriar essa revelação. Por isso a palavra anunciada é maiêutica, visto fazer o povo se apropriar do que já estava em si de forma desconhecida na sua realidade. Pois, como afirma Queiruga: “Aquele que escuta descobre a realidade profunda na qual está e é ele mesmo. E, aceitar

a revelação significa descobrir-se no próprio-ser-desde-Deus-no-mundo” (Queiruga, 1995, p. 116).

Pode se dizer que a maiêutica histórica, ultrapassa a maiêutica socrática, no sentido de a primeira ter abertura ao transcendente, e a segunda se fechar na imanência. E sendo a palavra necessária na maiêutica histórica, a Sagrada Escritura torna-se o norte do anúncio. O mediador não é senhor absoluto da palavra anunciada mas, ao anunciar, “a palavra se converte em princípio absoluto, em centro imediato de vivência” (Queiruga, 1995, p. 117). A palavra não é algo morto, mas dinâmico, que movimenta a vida da comunidade. Assim como descrito no livro do profeta Isaías, ela não volta sem antes ter produzido seu efeito (cf, Is 55,10). A Sagrada Escritura de forma implícita, traz a categoria. Não são poucos os episódios onde as personagens descobrem Deus imerso na sua realidade. Um exemplo é samaritana, em que a mulher depois de fazer experiência de Jesus, leva os samaritanos a Ele, a ponto de descobrirem eles próprios, pela Palavra de Jesus, que Ele realmente é o Salvador que devia vir ao mundo (cf, Jo 4, 41-42).

Nos emaranhados da história, os profetas captaram a revelação de Deus e anunciaram aos demais. É sempre, na história profana, que se tem o contato com o Deus escondido e revelado, e essa revelação chega à sua plenitude no evento Jesus de Nazaré que, como homem é receptor desta revelação e, como Deus é a plenitude do processo revelatório. Deus se mostra tal como é, nos gestos e palavras de Jesus; o único mediador (1Tm 2,5) faz os seguidores descobrirem realmente o Totalmente Outro anunciado pelos profetas. Segundo a belíssima expressão de De Lubac: “Qué puede ser más ridículo que pedir um Dios a nuestras medida?... Los misterios del Verbo encarnado son ya más difíciles de creer: Dios toma una forma, un nombre ressuena, un ser humano ocupa el lugar del Altísimo entre nosotros” (De Lubac, 2008, p. 71).

3. O evento Jesus como plenitude da revelação de Deus

É notória em todo o novo testamento a consciência de que Jesus é a plenitude da revelação de Deus. Vemos isto na carta aos Hebreus no capítulo primeiro, no evangelho de Mateus onde Jesus aparece falando em primeira pessoa, no tocante a lei: “Eu porém vos digo...” (Mt 5, 44), se apresentando como pleno cumprimento da lei e dos profetas (cf, Mt 5, 17), o primeiro capítulo da carta aos hebreus expressa esta plenitude da revelação, Jesus palavra de Deus de uma só vez dita na história.

“Muitas vezes e de modos diversos falou Deus, outrora, aos pais pelos profetas, agora, nestes dias que são os últimos, falou-nos por meio do filho, a quem constituiu herdeiro de todas as coisas, e pelo qual fez os séculos. É ele o resplendor de sua glória e a expressão

de sua substância, sustenta o universo com o poder de sua palavra; e depois de ter realizado a purificação dos pecados, sentou-se nas alturas à direita da majestade, tão superior aos anjos quanto o nome que herdou excede o deles (Hb 1, 1-4).

De acordo com Schillebeeckx, Jesus é o lugar decisivo da revelação de Deus, onde o homem encontra Deus em toda a sua plenitude, onde os cristãos fazem experiência da máxima reveladora (cf. Schillebeeckx, 1994, p. 47). O homem que caminhou pelas estradas poeirentas de Jerusalém, que desconcertou os religiosos de seu tempo, que sofreu a morte dos condenados, e que os seus seguidores afirmam que ressuscitou, este é segundo a fé cristã, a maior e definitiva revelação que Deus fez na história. Em Jesus o homem descobre a si mesmo, pois nele está não só a plenitude da revelação, como a plenitude do humano, pois em Jesus a revelação não é um ditado e sim uma pessoa em toda riqueza e dimensões do ser humano (cf. Queiruga, 1995, p. 242). Sobre tal aspecto a *Gaudium et Spes* afirma:

Na realidade, só no mistério do Verbo encarnado se esclarece verdadeiramente o mistério do homem. Adão, o primeiro homem, era efetivamente figura daquele futuro, isto é, de Cristo Senhor, Cristo, novo Adão, na própria revelação do mistério do Pai e do seu amor, revela o homem a si mesmo e descobre-lhe sua vocação sublime (*Gaudium et Spes*, 2001, p. 563)

O Nazareno revela sobre tudo a plena realização do humano, totalmente expressa na ressurreição, esta é como um fecho de luz jogado sobre a vida do Jesus histórico que nos faz compreender, que realmente aquele homem era Deus, e como afirma Leonardo Boff, “humano assim: só podia ser Deus mesmo” (Boff, 2012, p. 150). A revelação de Deus tem como meta a realização humana, e na pessoa de Jesus isto aparece de forma clara. Seria incoerente um discurso religioso que falasse de Deus sem falar do homem, e um discurso que falasse do homem sem falar de Deus. Ao contrário do que afirma Nietzsche, Deus não precisa morrer para que o homem viva, pelo contrário, a glória do homem é a visão de Deus, e a glória de Deus é o homem vivo.⁵

A revelação em Jesus não é um conceito abstrato, pelo contrário é algo concreto, realmente o Verbo se fez carne (cf, Jo 1,18) e assumiu até as raízes mais profundas do humano.

A plenitude da revelação em Jesus não é, pois, um conceito abstrato e vazio, mas antes é preenchida com a riqueza concreta de sua existência total. Por isso inclui também a morte, como inevitável e indispensável totalização da vida humana: decisão última que

⁵ Afirmação de Sto. Irineu, que se encontra no ofício das leituras.

assume e encerra o sentido que ele deu a todo o anterior (Queiruga, 1995, p. 243).

A morte é o lugar total desta revelação, de acordo com a afirmação joanina. “Quando tiverdes elevado o filho do homem sabereis que Eu Sou” (Jo 8,28). A cruz é a revelação de um Deus que cria por amor, o agápe é totalizante no episódio da cruz, não há mais véu, Jesus revela Deus tal como Ele é. Eu sou evoca o nome divino revelado a Moisés, a cruz é a sarça ardente onde Deus arde diante do mundo. Mas ela não é o fim, a ressurreição encerra o processo crístico da revelação, que agora deve ser entregue aos demais pelo testemunho dos apóstolos, e como afirma a Dei Verbum: “a economia cristã como nova e definitiva aliança, jamais passará, e não se há de esperar nenhuma outra revelação pública antes da gloriosa manifestação de Nosso Senhor Jesus Cristo” (*Dei Verbum* 2001, p. 350).

3.1 Plenitude não quer dizer fim e sim começo

A afirmação da Dei Verbum soa assombrosa a alguns teólogos. Pois se a revelação atinge sua plenitude em Jesus, e depois dele não há nenhuma manifestação pública, pode-se argumentar que a revelação ficou no passado, dada e acabada e não há mais nada a esperar. Dessa forma, hoje, o que se faz nada mais é do que memória de tempos remotos. Acontece que plenitude não quer dizer fim e sim começo. A verdade culminada em Jesus não é uma clausura e sim uma abertura ao futuro. Com sua ressurreição, Jesus inaugurou uma nova criação, o antigo se passou e tudo se fez novo. Essa novidade, trazida pelo Crucificado, e Ressuscitado continua atual. Deus falou tudo em seu filho, porém, essa palavra se desdobra na história e onde há um ser humano aberto á proposta do Evangelho já é o suficiente para que a revelação aconteça, Cristo não fechou a história, não caducou o dado revelado mas o tornou dinâmico, mediante o Ruah que renova a face da terra.

Cristo não cumpre fechando (como fazem os homens) mas abrindo (como faz Deus), e precisamente porque ele, como palavra definitiva de Deus, fecha a revelação, abre ao mesmo tempo como reveladora toda história da revelação passada, presente, futura (Queiruga, 1995, p. 255).

Cristo é insuperável porque é o homem em toda a sua plenitude, a realização humana atingindo seu ápice mas, insuperável na realização humana, é totalmente aberto à história, na vida de cada ser humano. Dessa forma, a revelação não é algo caduco, vive-se a dinâmica do “já” e “ainda não”, a revelação já é palavra definitiva dada na história, mas ainda não é eternidade, também não é passado remoto, destinado à repetição sem

sentido, mas uma dinâmica que se realiza na vida humana (cf, Queiruga, 1995, 255).

João Batista Libanio apresenta quatro pontos que nos fazem entender a dinâmica da revelação:

1ª) Princípio teológico-antropológico: Deus quer a salvação dos homens e realiza essa ajuda na própria história humana. Lembremos aqui a experiência fundante do êxodo.

2ª) Mediação Cristológica: Jesus de Nazaré é quem desvela plena e definitivamente quem é Deus e mostra quem é o homem. Uma grande teologia está implícita na frase de Pilatos: "Eis o homem" (Jo 19, 5).

3ª) Práxis Eclesiológica: A Igreja faz maiêutica, devolvendo o homem a sua história para descobrir nela o Deus oculto e revelado na pessoa de Jesus. Ela torna atual a presença do ressuscitado, e nos escreve na história viva de do Verbo que continua a desenrolar-se.

4ª) Realização escatológica: não é possível realizar-se de forma plena nesta história terrestre, portanto, a realização plena do homem será escatológica, as fronteiras da nossa existência são muito estreitas.⁶

A luz já foi dada, mas ainda não chegou o grande meio-dia, como afirma a máxima paulina: "Agora vemos em espelho e de maneira confusa, mas, depois, veremos face a face. Agora meu conhecimento é limitado, mas depois, conhecerei como sou conhecido" (1ª Cor 13, 12). A Igreja vive esta realidade, estando encarnada na realidade humana, mas ao mesmo tempo esperando a realização plena, como está expresso na Lumen Gentium nº 5:

A partir de então a Igreja, enriquecida pelos dons do seu fundador e observando fielmente os seus preceitos de caridade, de humildade e de abnegação, recebe a missão de anunciar e instaurar em todas as gentes o reino de Cristo e de Deus, e constitui ela própria na terra o germe e o início deste reino. Entretanto, no seu lento crescimento, aspira ao reino perfeito, e com todas as suas forças espera e deseja unir-se ao seu rei na glória (LG, nº 5).

Este reino, inaugurado por Jesus, cresce em mistério. A missão da Igreja é, dizendo em vocabulário queiruguiano, ser parteira, fazendo com que os homens descubram este reino, até o momento em que Deus será tudo em todos (1ª Cor 15,28).

⁶ Libanio, João Batista. Teologia da Revelação a partir da modernidade. Ed. Loyola, São Paulo, Brasil, 1992. P. 219.

Conclusão

O Presente artigo buscou apresentar a revelação de Deus dentro da história humana. E valendo-se do conceito de maiêutica histórica, conceito este elaborado por Andrés Torres Queiruga. Chega-se à conclusão de que o Criador continua lutando contra os nossos limites para se revelar, e onde houver uma brecha aí a revelação continuará acontecendo. Cristo não colocou ponto final na revelação, apenas a levou a plenitude. Dentro da História, busca-se compreender esta voz de Deus dita de forma humana, em seu Verbo, que outra coisa não fez que buscar a realização do homem. Por isso, a missão da Igreja mais do que nunca, é exercitar-se na arte da maiêutica histórica, fazendo seus filhos terem consciência da força impulsionadora da Espirito, que move e tudo renova nesta terra, levando-nos ao encontro com Cristo que é a eterna novidade e a hermenêutica do Pai, sendo sinal da eternidade que nos espera.

Referências

TORRES QUEIRUGA, Andrés. **A Revelação de Deus na Realização Humana**. São Paulo: Paulus, 1995.

_____. **Do Terror de Isaac ao Abá de Jesus**. São Paulo: Paulinas, 2001.

A Bíblia de Jerusalém. Trad. Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo, Ana Flora Anderson (coord). Nova ed. rev. amp. São Paulo: Paulus 2002.

BOFF. Leonardo. **Jesus Cristo Libertador**: Ensaio de Cristologia para nosso tempo. Petrópolis, Vozes, 2012.

CONCILIO VATICANO II. **Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II**, São Paulo: Paulus, 2001.

DE LUBAC. Henri. *Meditación Sobre la Iglesia*. Ediciones Encuentro, S. A., Madrid, 2008.

LIBANIO. João Batista. *Teologia da Revelação a Partir da Modernidade*. Ed. Loyola, São Paulo: Brasil, 1992.

SCHILLEBEECKX, Edward. **História Humana**: Revelação de Deus. São Paulo: Paulus: 1994.

VÁRIOS AUTORES. **Os Filósofos**: Clássicos de Filosofia, v.I de Sócrates a Rousseau. Rossano Pecoraro (org). 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes; Rio de Janeiro: PUC – Rio, 2009.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim Falava Zaratustra**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

LATOURELLE, René. **Teologia da Revelação**. São Paulo: Paulinas, 1985.

BENTO XVI, Papa. **Verbum Domini**: Sobre a Palavra de Deus na Vida e Missão da Igreja. São Paulo: Paulinas, 2011.